

## **Classe, etnia e moralidade: estudo de clubes negros\***

**Beatriz Ana Loner\*\***

Pelotas, como pólo charqueador, concentrou uma imensa população negra, com seu auge ao redor da década de 1860, iniciando depois uma diminuição numérica da população descendente de africanos, devido ao tráfico inter-provincial, que deslocou trabalhadores escravizados para as lavouras de café do centro do país. Mesmo assim, restou um número considerável de elementos da etnia negra na cidade, que compunham cerca de 15% da população do município em 1920. Na República, uma parcela da etnia se congregou em diferenciada rede associativa, que incluía entidades beneficentes e mutualistas, teatrais, recreativas, musicais, religiosas, esportivas e carnavalescas, sem contar a manutenção de um jornal, O Alvorada.

Entretanto, num processo que principiou na década de 20 e acirrou-se nos anos 30, houve a involução dessa rede, com a extinção ou transformação das entidades iniciais e o surgimento de novos clubes, marcados pelo binômio carnaval-futebol, reforçando o estereótipo sobre a etnia. Uma das principais entidades surgidas nesses novos tempos, foi o Clube *Carnavalesco Fica Ai para ir dizendo*, fundado em 27 de janeiro de 1921, como um cordão carnavalesco e que logo passou a ser uma referência para a etnia negra no carnaval de Pelotas. Posteriormente, trocou seu nome para Clube Cultural Fica Ai, mas, em boa parte de sua existência, dedicou-se apenas à promoção de festas para associados, mantendo alguns jogos de salão em sua sede.

Embora composto, em sua maioria, por trabalhadores de ofício, como carpinteiros, marceneiros, eletricitas ou funcionários públicos, civis e militares (de baixa extração), o Clube Fica Ai representava a elite negra da cidade e terminou tendo um papel efetivo no enquadramento da etnia aos padrões de comportamento vigentes entre os brancos de classe superior a sua. No período que vai dos anos 20 até o fim dos anos 50, quando começaram a aparecer as escolas de samba, os clubes carnavalescos eram a principal forma de associação negra e disputavam a preferência dos elementos do grupo. Outros

clubes negros existentes eram o *Depois da Chuva*, o *Chove Não Molha*, o *Está tudo Certo* e o *Quem ri de nós tem paixão*.

Segundo a tradição oral – corroborada em parte, por vários depoimentos - os clubes negros pelotenses aglutinavam setores diferenciados da etnia. Dessa forma, no **Quem ri de nós tem paixão**, estariam os elementos mais pobres da etnia, O **Chove não molha** ocupava uma posição intermediária, formado por trabalhadores regulares, vinculados ao setor de serviços, como empregadas domésticas, cozinheiros, costureiras, etc. Quanto ao **Depois da Chuva**, era um clube mais antigo (fundado em 1917), mas pejorativamente tratado por alguns entrevistados como o clube dos “cisqueiros”, o que significava pessoas de baixa condição social, lixeiros, talvez pelo fato de reunir moradores das proximidades de um antigo lixão da prefeitura<sup>1</sup>. Por fim, o **Fica Aí** reuniria famílias com uma situação social mais estabelecida, que poderiam arcar com as despesas necessárias para freqüentar o clube e que atingiam as exigências associativas do mesmo. Quanto ao **Está tudo certo**, ainda não se conseguiu elementos suficientes sobre ele, pois só existiu até os anos 40. Havia ainda o **Bloco Futurista**, mas este não funcionava nos moldes tradicionais, pois não tendo sócios, só se interessava em manter bailes caracterizados pelo luxo e requinte das roupas, sem selecionar seus freqüentadores, que eram admitidos conforme pagamento na entrada. Aliás, essa questão da exclusividade da participação apenas aos sócios, só era levada ao pé da letra pelo Fica Aí, o qual não utilizava a prática de convites, ou qualquer outra forma de ingresso de não-sócios em seus bailes, restrito apenas a casos especiais, com consulta a diretoria.

Mas essa delimitação dos clubes pela posição social dos sócios, presente no imaginário da cidade, não resiste a comprovação histórica. A leitura do livro de atas do Fica Aí, referente ao período do Estado Novo<sup>2</sup>, nos leva a constatação que muitas eram as moças empregadas em casas de família e que freqüentavam a entidade, que também reunia famílias compostas de lavadeiras e trabalhadores manuais. Aparecem, ainda, vários casos de sócios homens desempregados ou com situação financeira precária, sem que isso prejudique sua posição no clube, desde que conseguissem pagar suas mensalidades. Aliás,

apenas em relação aos homens é que o clube apresenta critérios menos rígidos, perdoadando-lhes várias faltas, especialmente em relação a dinheiro, como dando moratória a tesoureiro que fraudou o clube (e que segue em seu cargo na diretoria), ou em casos de infrações menos evidentes, como consumo de bebidas alcoólicas dentro do clube.

Outra tradição estabelecida na cidade faz coincidir cada clube a um determinado padrão racial, segundo o qual nos demais estariam os elementos mais escuros da etnia, enquanto no Fica Aí se congregariam os mulatos. Novamente, os dados disponíveis não deixam entrever essa situação. Nas fotos existentes de bailes, coroação de rainhas e outras festividades, sucedem-se pessoas de coloração escura e mais clara todo o tempo e seus livros de atas nada falam sobre isso. Uma hipótese plausível é que, se muitas das pessoas que formavam esse clube estavam envolvidas em um processo de “branqueamento da raça”, ele se refletiria em um maior número de pessoas de pele mais clara como sócias, mesmo que isso não fosse um critério do clube. A favor dessa hipótese, há o fato que, nas atas, aparecem questionamentos sobre a cor de alguns candidatos a sócios, por muito brancos, e que só são aceitos porque tem ascendentes negros.

Aqui, há claramente uma situação em que os depoimentos orais não corroboram os documentos escritos. Além do fato de que, em se tratando de documentos oficiais, eles não dizem tudo que ocorre, ainda há a forte possibilidade dos critérios de associatividade terem variado de 1938 (ano inicial das atas), até a década de 1950, recuo possível das entrevistas orais, impondo-se novas regras que excluiriam a presença de empregadas domésticas e outras profissões de baixa estima social. Isso, inclusive foi corroborado por um atual dirigente, afirmando que houve um momento em que o clube era mais seletivo em seus critérios sócio-econômicos para inclusão de sócios. Ou seja, pode-se estar trabalhando, nos documentos escritos, com um padrão de associação mais antigo, que permitia a entrada de determinadas categorias que, depois, foi enrijecido, tendo-se posteriormente, mais uma vez “democratizado” o acesso. E as entrevistas, tendo por depoentes pessoas com trajetória de vida a partir dos anos 60, talvez tenham enfatizado apenas essa realidade intermediária, de maior discriminação social.

Mas o simples fato de ser uma etnia discriminada e composta de trabalhadores manuais não era o suficiente para provocar sentimentos de identificação entre si e de solidariedade interna. Pelo contrário, o que se observa é o despontar de alguns tipos de comportamento essencialmente discriminatórios entre os próprios clubes, dos quais o *Fica ai* é o exemplo máximo para a cidade de Pelotas e, talvez, para todo o estado. Isso porque ele é o clube negro mais exigente em seus estatutos e que conta com uma estrita vigilância por parte da diretoria sobre a moral e o comportamento de seus membros, especialmente sobre o sexo feminino, mantendo uma acesa e feroz discriminação contra aqueles que não aceitavam suas imposições de moral e de costumes. Neste sentido, sua influência ia muito além do estreito espaço de sua sede, imiscuindo-se na vida privada de seus sócios, ditando regras e comportamentos a serem seguidos em todas as circunstâncias da vida, inclusive em termos de amizades e companhias a serem evitadas. Procedendo desse modo e mantendo uma severa vigilância sobre as mulheres sócias, o clube procurava disciplinar suas mentes e seus corpos, influenciando diretamente em seu comportamento e, obviamente, padronizando também a formação das famílias negras e sua adequação às regras e normas vigentes na sociedade branca.

Voltado para o estabelecimento de uma política de padronização dos comportamentos admitidos pelos sócios, o clube esperava também ser a única associação a ser freqüentada pelas famílias filiadas, mesmo mantendo relações pretensamente cordiais com as outras associações negras. A fidelidade esperada dizia respeito não só a evitar a concorrência associativa com as demais, mas incidia numa visão de que eles seriam a única associação a seguir um comportamento adequado e, portanto, os sócios que freqüentassem outros clubes estariam correndo riscos e maculando seu bom nome. Assim, a exigência da exclusividade funcionaria como uma espécie de sacrifício a confirmar as boas intenções em manter um padrão superior aos demais, pelas famílias associadas.

Contudo, isso não se aplicava a todos os sócios, havendo uma nítida diferença na forma de tratamento reservada as “senhorinhas”, ou seja, as moças em idade núbil e aos homens, configurando a prática de uma “dupla moralidade”, comum a amplos setores da

sociedade, com respeito à participação de mulheres. Isso é evidente em todos os momentos, especialmente no fato de que apenas famílias e moças eram submetidas a investigação de sua vida pregressa, antes de serem aceitas como sócias, enquanto os homens solteiros eram isentos disso. Nas atas, sucedem-se exemplos de exigências mais rigorosas às moças, que poderiam ser punidas por freqüentar outras associações, mesmo que fosse o clube *irmão*, “Chove não molha”. Em 1942 algumas jovens são denunciadas por membros da diretoria do Fica Ai, por freqüentar um baile do Chove, com o detalhe que esses diretores estavam presentes a mesma festa, mas não recebem nenhuma censura, enquanto as moças são suspensas por 90 dias. Também se tenta regular sua participação em festivais ou outras atividades, como corais, sempre no sentido de que as sócias restrinjam sua participação apenas a festas e comemorações do Fica Ai. O moralismo em relação ao comportamento feminino, continuava na vigilância sobre seu comportamento dentro do clube (havia vigias nos banheiros femininos), suas companhias e seus namorados. Embora não de forma explícita, isso fazia parte de uma política de formação para as jovens mulheres, a serem disciplinadas dentro dos “padrões adequados” que o clube queria impor, as quais, depois, teriam papel fundamental na inculcação desses valores a seus filhos. Nada novo, se lembrarmos que é o mesmo papel a elas reservado pela Igreja Católica, outra fonte inspiradora desse grupo, eminentemente católico romano, embora alguns também se aproximassem do espiritismo.

Entre as exigências para participação no Fica Ai pelas famílias, cita-se a não aceitação de uniões consensuais e a condenação ao desquite, que impedia a mulher de freqüentar o clube, bem como suas filhas. Por outro lado, havia uma série de regras de etiqueta internas, como o uso de vestidos compridos e fatiota completa para bailes que, mais do que outros fatores, inviabilizava a participação de muitas famílias, devido aos seus altos custos financeiros.

Essa posição de rigor em termos morais, ao lado da busca de uma diferenciação interna da etnia, corresponde a um tipo de práticas comuns a outros clubes negros de diversos locais do país, que optaram pela integração sem questionamentos na sociedade

branca, procurando diferenciar-se da massa da população negra, pela adoção de um comportamento diferenciado, e pela adoção, consciente ou não, da estratégia do branqueamento<sup>3</sup>. Ela é comumente entendida como significando a tentativa de liquidação da etnia negra na composição racial brasileira, através do branqueamento por miscigenação com o europeu e de sua nulificação cultural. Entretanto, também pode ser vista como uma estratégia de incorporação na sociedade branca, com a diluição e esquecimento de suas raízes étnicas, por grupos negros mais bem situados socialmente.

Quanto aos demais clubes, sabe-se que alguns tinham posições diferentes, permitindo a entrada de não-sócios por convites, sendo também mais flexíveis em relação ao comportamento exigido de suas sócias, embora também haja momentos em que moças foram expulsas ou impedidas de participar de festas, devido a “questões de honra” ou comportamento inadequado. Um ponto comum à maioria, era a restrição da participação do homem branco, o que se justifica por duas questões básicas e correlatas para a comunidade negra: a reserva de mercado para os jovens negros em idade de casamento e o medo do desfrute de moças negras pelos homens brancos.

Esses clubes carnavalescos das décadas de 1940 e 1950, parecem representar uma involução, não só com relação a diversidade associativa negra antes encontrada na cidade, quanto em sua definição identitária, pois durante o Império e a República Velha, boa parte das entidades criadas, além de auxiliar a integração dos negros na sociedade capitalista<sup>4</sup>, configuravam-se também como sociedades operárias, mantendo padrões de comportamento e valores próximos à classe. Entretanto, nesse clube em particular, não há traços de qualquer identidade operária em nenhum momento de sua atuação, em suas representações internas ou externas. Seu comportamento, em bailes<sup>5</sup>, e outras atividades, imitavam antes os grupos brancos de classe média ou da própria aristocracia decadente da cidade, do que os negros e operários que o constituíam<sup>6</sup>.

Suas práticas associativas e cotidianas e sua relação com as esferas de poder também não incorporavam a faceta étnica e nem insinuam um processo de afirmação racial. A noção de brasilidade e a adesão cívica a idéia da pátria brasileira, é o que mais

transparece de suas posições oficiais nesse momento. A análise de suas atas mostra que, no que tange ao Estado, buscam se adequar as diretrizes do Estado Novo, com uma boa disposição para participar, que se reflete, por exemplo, em sua iniciativa de colaborar com o esforço de guerra, com um baile cujo produto reverte para a campanha financeira da Liga de Defesa Nacional. Mesmo assim, provando a profundidade do processo de alienação em que estão submersos, em 1942, recusam-se a participar de um “Festival patriótico”, que culminaria numa apoteose das três raças formadoras do Brasil, pois o secretário afirma que, conhecendo o organizador do espetáculo, nela os negros seriam apresentados

com suas representações africanas [colocando] as pessoas que tem a mesma cor de sua pele, em uma fragrante demonstração de inferioridade perante as pessoas imbuídas na confraternização racial brasileira, que desconhecem preconceito de cor, que reconhecem somente o nível intelectual e moral dos homens. Por isso acha inconveniente que o Fica Ai coopere nessa demonstração de solidariedade, ou melhor, de inferioridade, ao sr. Presidente da República<sup>7</sup>.

Não pode passar despercebida a reafirmação do discurso da democracia racial brasileira, além da identificação das raízes africanas como um sinal de inferioridade, que pretendem já terem superado, pela sua incorporação na sociedade brasileira.

O mais irônico é que, na cidade de Pelotas a discriminação racial sempre foi muito forte, o que podia passar apenas por menos evidente, quando os negros ‘sabiam o seu lugar’ - e portanto, não infringiam as regras não escritas que disciplinavam as relações raciais na cidade. Dessa forma, dizer que não existia preconceito de cor, é expressar sua adequação ao pacto de silêncio que envolvia esse tema, localmente. Está claro que, para este grupo, a democracia racial funcionava como uma aspiração, uma expectativa a ser concretizada, para o futuro. Enquanto isso, eles tentavam negar a realidade e, tal como outros grupos de elite negra pelo país, se agregavam em entidades, buscando manter e ostentar um padrão de vida freqüentemente em desacordo com suas posses.

A anterior experiência associativa da etnia, o fato da comunidade manter, por várias décadas um jornal negro (que, se apoiava o disciplinamento moral da etnia, também se pronunciava contra as propostas de “embranquecimento”), a convivência,

na mesma cidade, com o grupo de militantes que promovera a criação da Frente Negra Pelotense em 1933, dedicada a educação e a luta contra a discriminação racial, nada disso influenciou o comportamento desse grupo, que continuou a buscar referências externas, tanto à etnia, quanto a sua posição social. Podemos dizer que mantinham uma atitude completamente heterônoma<sup>8</sup> imitando outras classes e grupos étnicos, buscando preservar-se de confrontos raciais e lutando por uma integração nunca alcançada.

O padrão que traziam para a etnia, não era o padrão de sua classe ou categoria social, nem aquele que respeitava sua etnia e cultura, mas um padrão alheio, de outra classe e grupo racial, que o envolvia e submetia, enrijecendo seu comportamento, e adequando-o ao padrão de uma sociedade aristocrática em decadência, que se voltava para um passado mítico de abundâncias e glória. Abundâncias e glórias feitas com base no suado trabalho dos antepassados desse grupo, que agora tentava irmanar-se, não aos seus ancestrais, mas aos seus exploradores.

---

\* A pesquisa “Clubes Carnavalescos negros em Pelotas” está sendo financiada pelo CNPq, através do edital de Ciências Sociais 06/2003 e também com Bolsista de Iniciação Científica. Fazem parte da equipe a professora dra. Lorena Almeida Gill e as alunas da graduação e/ou especialização Débora Clasen de Paula, Viviani Tavares, Marcelle Vitória dos Santos, Fernanda Oliveira da Silva, Juliana Cabistany Marcello e Caroline Meggiato.

\*\* Professora doutora da UFPel, do Núcleo de Documentação Histórica .

<sup>1</sup> Entrevista com o senhor Flávio Alves da Costa Farias, realizada em 17/6/2004.

<sup>2</sup> Livro de Atas, de diretoria e de assembléia do Clube Fica Ai, referente aos anos de 1938-1943. Arquivo do Clube.

<sup>3</sup> DOMINGUES, Petrônio, *Uma história não contada*. Negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Senac editora, 2004.

<sup>4</sup> Ver, a respeito, LONER, Beatriz. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande*. Pelotas: EDUFPEL, 2000.

<sup>5</sup> A descrição de um desses bailes é feita por Fernando Henrique Cardoso em *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*. São Paulo: Difel, 1962, p. 292.

<sup>6</sup> Costa Pinto- *O negro no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: EDUF RJ, 1998, 2ª edição, cuja primeira edição data de 1953, discute a situação desses grupos de negros “ da elite”, para quem não existe a atração por uma atuação de classe operária, que, por outro lado, mobilizava a maior parte da etnia negra naqueles anos. Diferencia aqueles que abandonam suas raízes étnicas em busca de expectativas individuais correspondentes a classe média (do que tratamos aqui) e outro setor que, depois de 1950, começa a lutar pela disseminação de uma consciência étnica entre o conjunto da etnia.

<sup>7</sup> Ata n. 248, da diretoria, de 30/9/1942. Livro de atas do Clube Fica Ai, de 1938 a 1943.

<sup>8</sup> CASTORIADIS, Cornelius. *A experiência do movimento operário*. São Paulo: Brasiliense, 1985.